

**OS GÊNEROS DIGITAIS**

**EM SALA DE AULA:**

**CONCEITUAÇÃO E PROPOSTAS**

**METODOLÓGICAS**

MARISTELA SCREMIN VALÉRIO

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!



# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

A maneira como se usa a linguagem para a comunicação nas diferentes atividades exercidas obedece a fórmulas pré-estabelecidas. Todos aprendem, por exemplo, ainda crianças, as regras de uma conversa trivial com a família e amigos. Aprende-se também, no cotidiano, a compreender uma piada e reagir a ela ou sobre a seriedade exigida durante os discursos religiosos. Ao frequentar a escola, aprende-se a escrever bilhetes, cartas e a diferenciar um poema de um texto jornalístico.

Todos esses exemplos são gêneros textuais, modalidades de uso da língua com características próprias, adaptam-se e se transformam diante das mais diversas situações comunicacionais. Na escola, o ensino da língua por meio dos gêneros é recomendado pela BNCC e outros documentos que regem a educação.

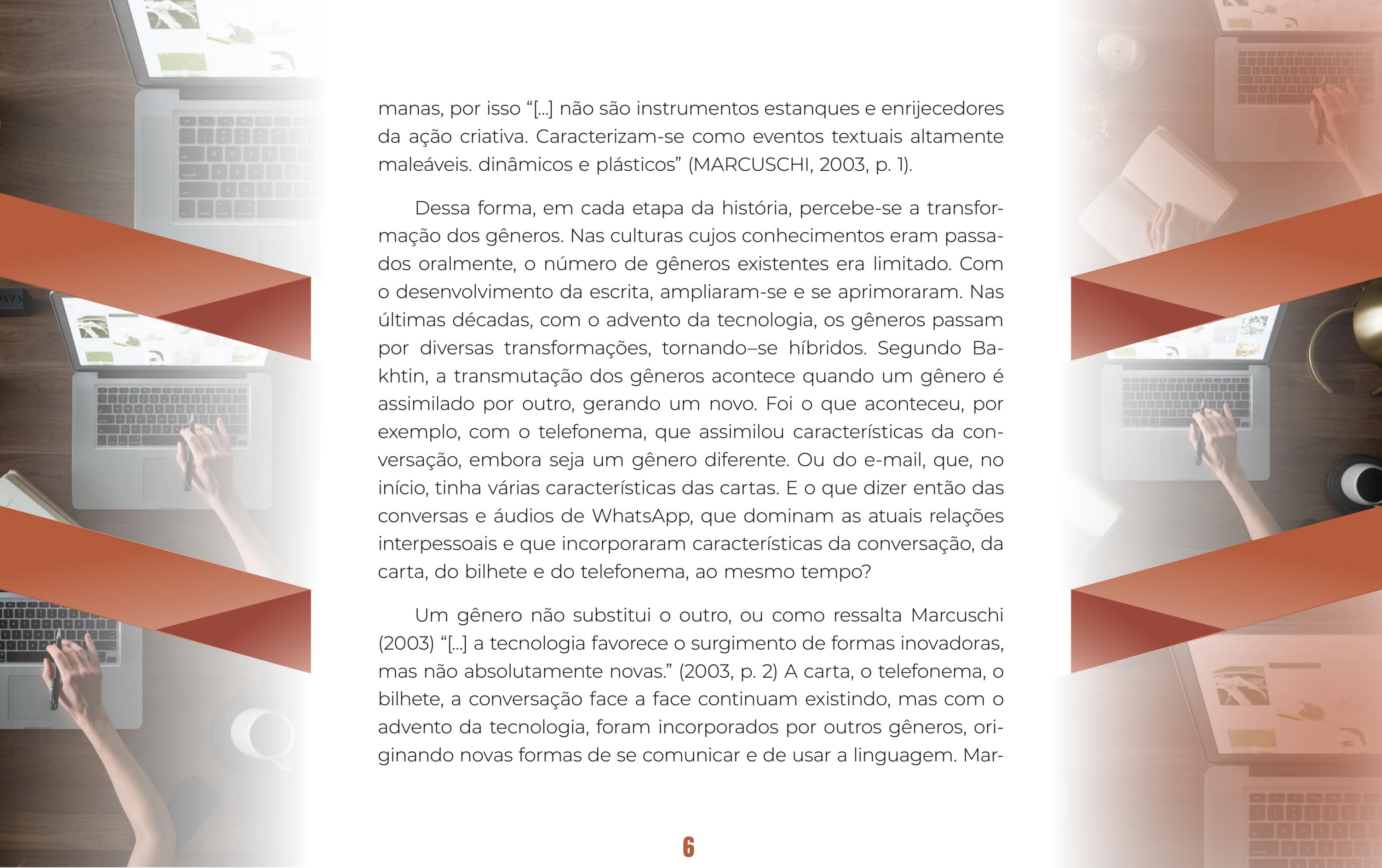
Nas últimas décadas, com o surgimento e a ampliação das tecnologias de comunicação e informação, novos gêneros são produzidos, para dar conta da interação nas redes. Os gêneros digitais fazem parte do cotidiano e compreendê-los e dominá-los é importante para que os alunos se agreguem, de maneira efetiva, na sociedade contemporânea.

O objetivo deste *e-book* é apresentar o conceito de gênero textual e especificamente o de gêneros digitais. Também é mostrada a importância de trabalhar com gêneros na escola e são apresentadas algumas propostas metodológicas para o ensino de gêneros digitais.

# 1. O CONCEITO DE GÊNERO

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2003), gêneros textuais são textos orais, escritos ou em linguagem tecnológica que circulam socialmente em determinado tempo. Um meme (gênero digital híbrido, que alia texto e imagem para criar efeitos de humor sobre assuntos do momento), por exemplo, é um gênero textual com funcionamento próprio, dentro de um contexto digital, que nasceu nas primeiras décadas do século XXI e que diz muito a respeito de como as informações e interpretações de mundo são transmitidas nesta época. A base de funcionamento do meme está relacionada ao humor, à velocidade com que as informações são transmitidas pelas redes sociais e ao fato de que, nessa época de *internet*, todos são produtores de conteúdo. Assim como o meme, há décadas, outro gênero humorístico fazia muito sucesso nos comentários políticos dos jornais impressos: a charge. Embora os dois gêneros trabalhem com o humor e tenham assuntos parecidos como tema, cada qual tem suas características, formas de produção, de circulação, público-alvo etc.

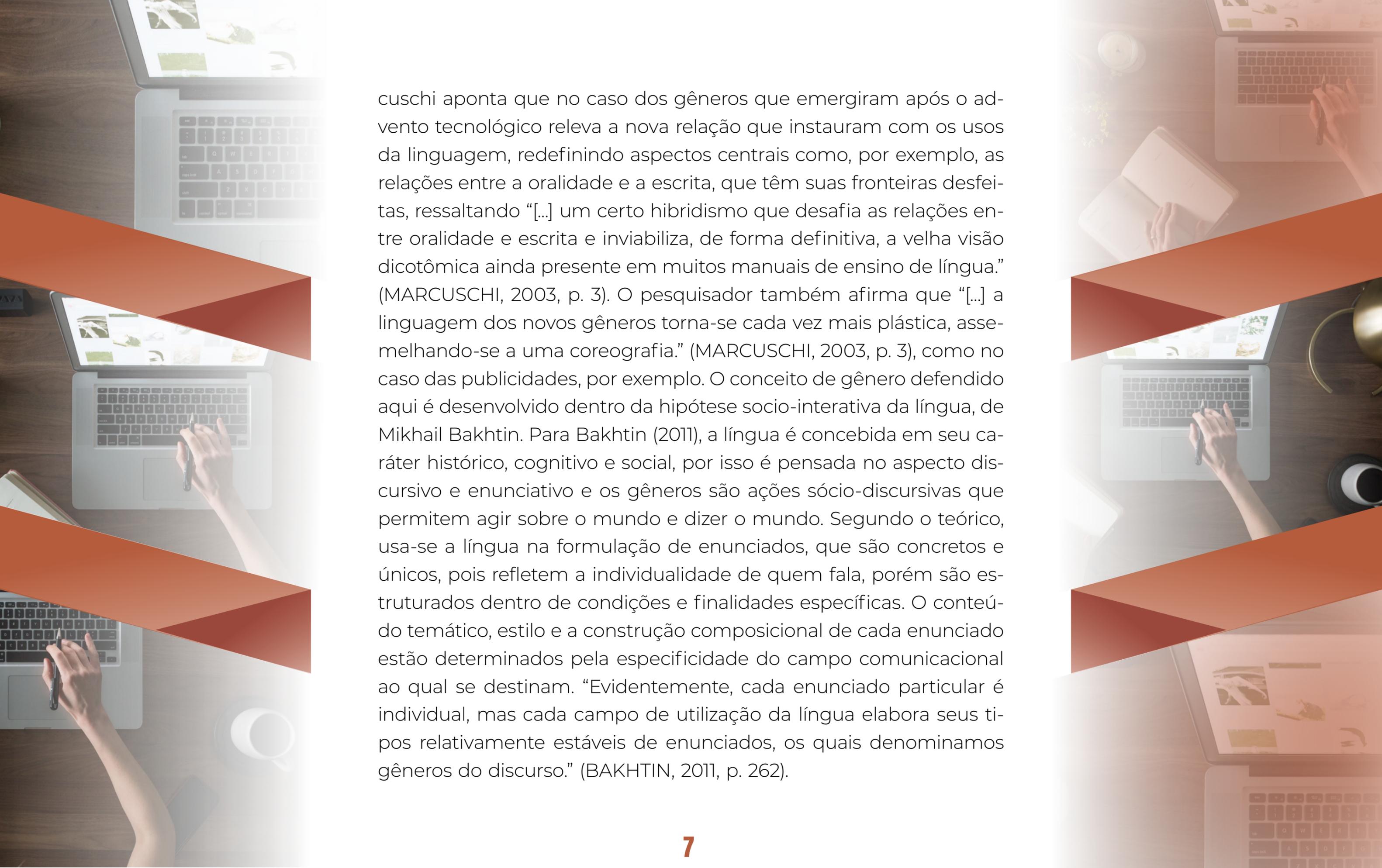
Tanto a charge como o meme são exemplos de gêneros textuais, com sentido no contexto social, cultural e histórico e dizem muito a respeito da sociedade e que, provavelmente, sofrerão transformações com o tempo, adaptando-se ou até deixando de ser produzidos. Essa é uma das primeiras características importantes a considerar sobre os gêneros textuais: eles não são estanques. Marcuschi afirma que os gêneros apresentam forte poder interpretativo das ações hu-



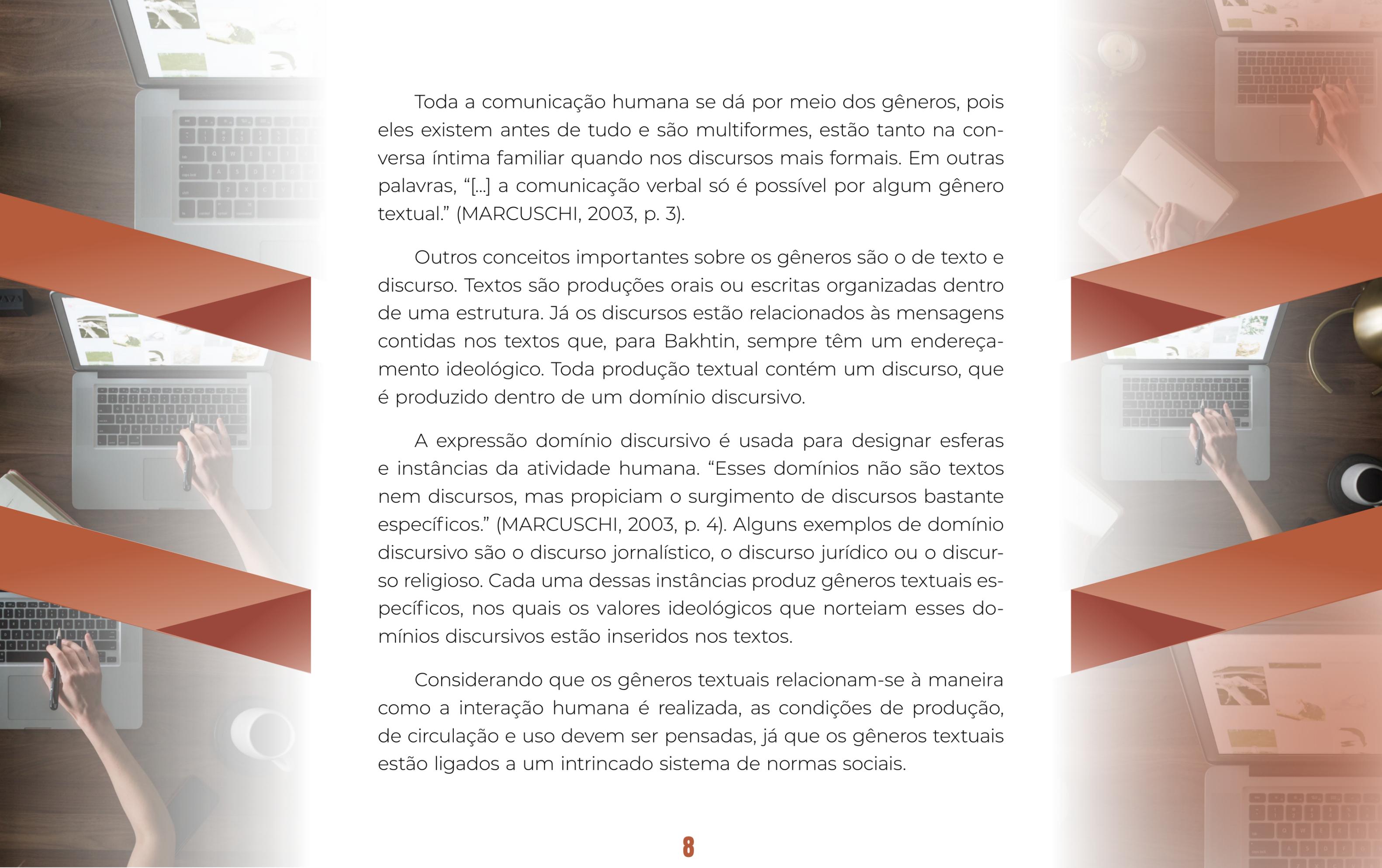
manas, por isso “[...] não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis. dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2003, p. 1).

Dessa forma, em cada etapa da história, percebe-se a transformação dos gêneros. Nas culturas cujos conhecimentos eram passados oralmente, o número de gêneros existentes era limitado. Com o desenvolvimento da escrita, ampliaram-se e se aprimoraram. Nas últimas décadas, com o advento da tecnologia, os gêneros passam por diversas transformações, tornando-se híbridos. Segundo Bakhtin, a transmutação dos gêneros acontece quando um gênero é assimilado por outro, gerando um novo. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o telefonema, que assimilou características da conversação, embora seja um gênero diferente. Ou do e-mail, que, no início, tinha várias características das cartas. E o que dizer então das conversas e áudios de WhatsApp, que dominam as atuais relações interpessoais e que incorporaram características da conversação, da carta, do bilhete e do telefonema, ao mesmo tempo?

Um gênero não substitui o outro, ou como ressalta Marcuschi (2003) “[...] a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas.” (2003, p. 2) A carta, o telefonema, o bilhete, a conversação face a face continuam existindo, mas com o advento da tecnologia, foram incorporados por outros gêneros, originando novas formas de se comunicar e de usar a linguagem. Mar-



cuschi aponta que no caso dos gêneros que emergiram após o advento tecnológico releva a nova relação que instauram com os usos da linguagem, redefinindo aspectos centrais como, por exemplo, as relações entre a oralidade e a escrita, que têm suas fronteiras desfeitas, ressaltando “[...] um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza, de forma definitiva, a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua.” (MARCUSCHI, 2003, p. 3). O pesquisador também afirma que “[...] a linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia.” (MARCUSCHI, 2003, p. 3), como no caso das publicidades, por exemplo. O conceito de gênero defendido aqui é desenvolvido dentro da hipótese socio-interativa da língua, de Mikhail Bakhtin. Para Bakhtin (2011), a língua é concebida em seu caráter histórico, cognitivo e social, por isso é pensada no aspecto discursivo e enunciativo e os gêneros são ações sócio-discursivas que permitem agir sobre o mundo e dizer o mundo. Segundo o teórico, usa-se a língua na formulação de enunciados, que são concretos e únicos, pois refletem a individualidade de quem fala, porém são estruturados dentro de condições e finalidades específicas. O conteúdo temático, estilo e a construção composicional de cada enunciado estão determinados pela especificidade do campo comunicacional ao qual se destinam. “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2011, p. 262).



Toda a comunicação humana se dá por meio dos gêneros, pois eles existem antes de tudo e são multiformes, estão tanto na conversa íntima familiar quanto nos discursos mais formais. Em outras palavras, “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.” (MARCUSCHI, 2003, p. 3).

Outros conceitos importantes sobre os gêneros são o de texto e discurso. Textos são produções orais ou escritas organizadas dentro de uma estrutura. Já os discursos estão relacionados às mensagens contidas nos textos que, para Bakhtin, sempre têm um endereçamento ideológico. Toda produção textual contém um discurso, que é produzido dentro de um domínio discursivo.

A expressão domínio discursivo é usada para designar esferas e instâncias da atividade humana. “Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos.” (MARCUSCHI, 2003, p. 4). Alguns exemplos de domínio discursivo são o discurso jornalístico, o discurso jurídico ou o discurso religioso. Cada uma dessas instâncias produz gêneros textuais específicos, nos quais os valores ideológicos que norteiam esses domínios discursivos estão inseridos nos textos.

Considerando que os gêneros textuais relacionam-se à maneira como a interação humana é realizada, as condições de produção, de circulação e uso devem ser pensadas, já que os gêneros textuais estão ligados a um intrincado sistema de normas sociais.

**Segundo Marcuschi, a adequação na produção e circulação de cada gênero textual respeita os seguintes aspectos:**

- Natureza da informação ou do conteúdo veiculado;
- Nível de linguagem (formal, informal, dialetal, culta etc.);
- Tipo de situação em que o gênero se situa (pública, privada, corriqueira, solene, etc.);
- Relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos, nível social, formação etc.);
- Natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas.

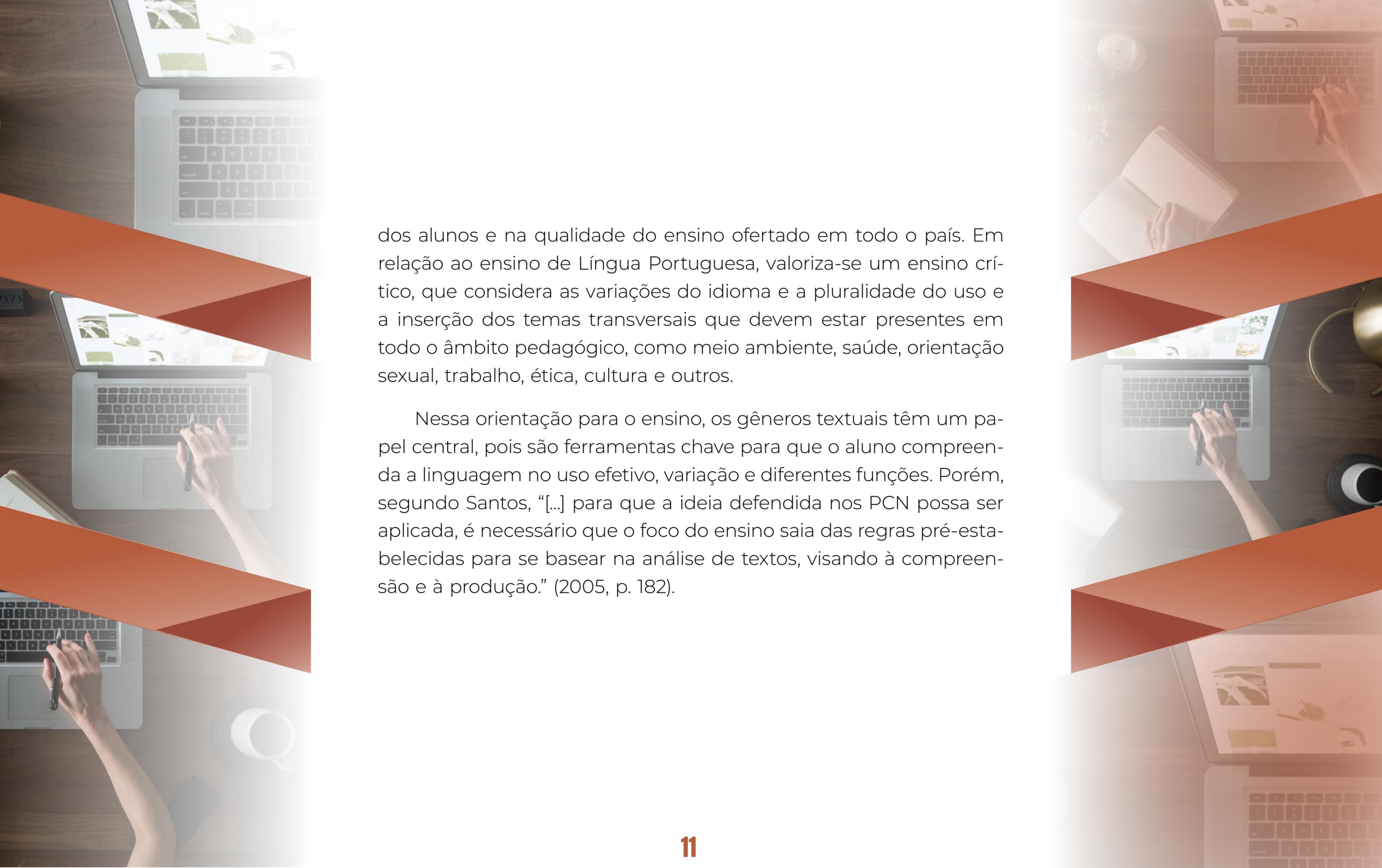
Compreendendo-se a constituição, função e papel dos gêneros na interação social, entende-se a relevância de pensar nos gêneros em sala de aula para o ensino e aprendizagem da língua. Isso porque, como afirma Bakhtin (2011), “[...] quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e intimamente descobrimos nele a nossa individualidade.” (2011, p. 285). Saber ler os gêneros e compreender suas especificidades torna o sujeito mais competente em diferentes esferas da vida social, sabendo adequar-se às situações e às exigências discursivas de cada espaço que frequenta. Por isso, ao priorizar a leitura, análise e produção de diferentes gêneros em sala de aula, o professor oferece aos alunos a oportunidade de compreender o funcionamento da linguagem e usá-la com competência.

## 2. OS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA

Durante muitas décadas, o ensino de língua portuguesa no Brasil esteve associado à gramática normativa e ao ensino de uma variante culta da língua. Pensando na relação entre educação e sociedade, o próprio contexto cultural do Brasil, no qual a leitura e a escrita não faziam parte do cotidiano da maioria da população, eram atividades quase que exclusivas das elites que ocupavam profissões e postos de prestígio.

De acordo com Maria Auxiliadora Bezerra (2005), foi apenas no final do século XX que esse cenário começou a se transformar com o surgimento de teorias linguísticas diversificadas que influenciam a maneira como a Língua Portuguesa é ensinada nas escolas. Entre as teorias destaca-se a sócio-interacionista, as de letramento e as de texto-discurso, que consideram aspectos sociais, políticos e enunciativos envolvidos no processo de uso e ensino da língua.

Com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no final da década de 1990, foram estabelecidos norteadores de referência e qualidade para a educação nos níveis de Ensino Fundamental e Médio. Um dos objetivos dos PCN foi orientar a criação de um projeto pedagógico cujo foco está no desenvolvimento da cidadania



dos alunos e na qualidade do ensino ofertado em todo o país. Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, valoriza-se um ensino crítico, que considera as variações do idioma e a pluralidade do uso e a inserção dos temas transversais que devem estar presentes em todo o âmbito pedagógico, como meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho, ética, cultura e outros.

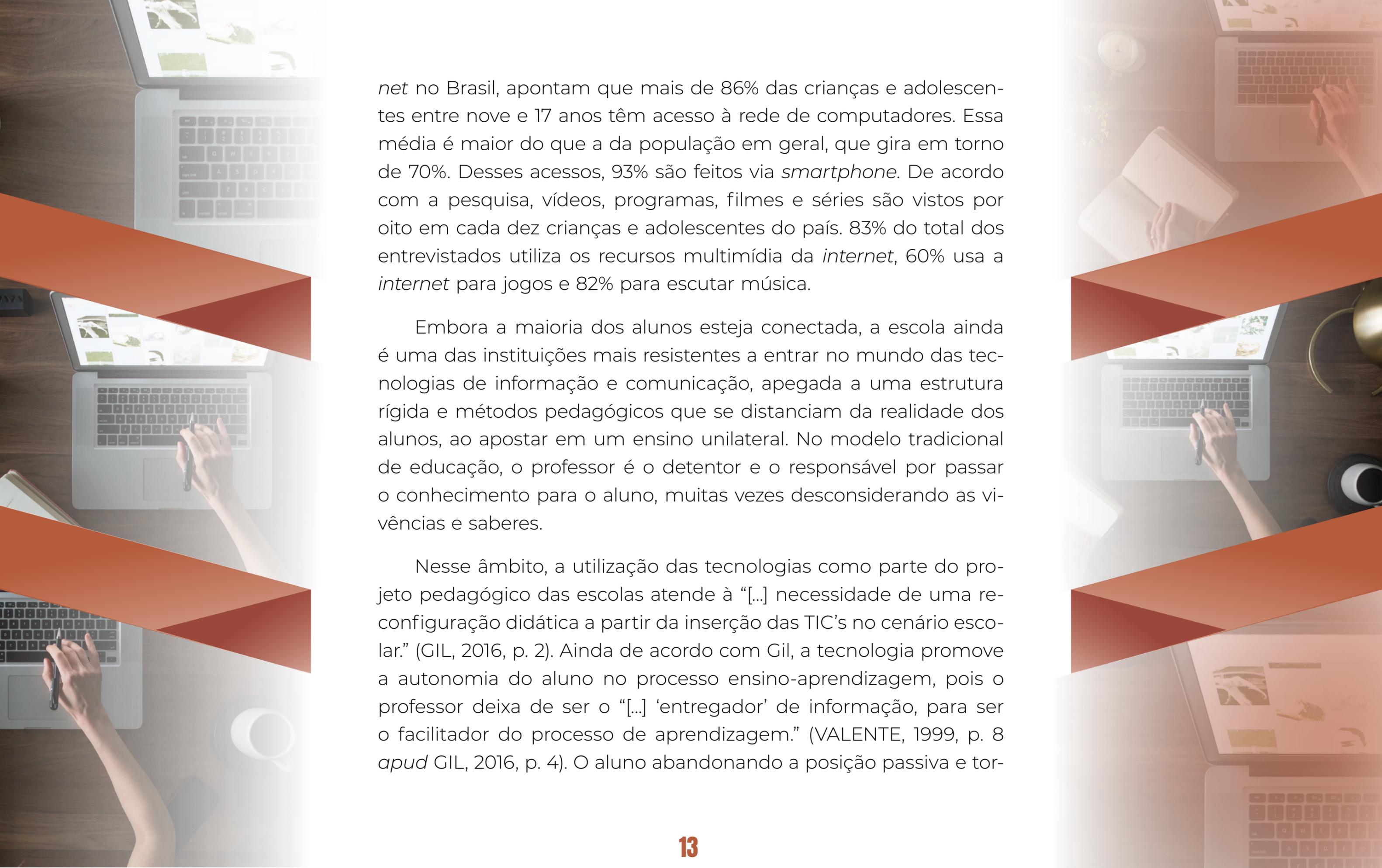
Nessa orientação para o ensino, os gêneros textuais têm um papel central, pois são ferramentas chave para que o aluno compreenda a linguagem no uso efetivo, variação e diferentes funções. Porém, segundo Santos, “[...] para que a ideia defendida nos PCN possa ser aplicada, é necessário que o foco do ensino saia das regras pré-estabelecidas para se basear na análise de textos, visando à compreensão e à produção.” (2005, p. 182).

### 3. OS GÊNEROS DIGITAIS

O rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação nas últimas décadas trouxe muitas transformações para a sociedade. Celulares, computadores e tablets com acesso à *internet* mudaram completamente a maneira de comunicação, relacionamentos, diversões, estudos e consumo. Com a pandemia de Covid-19, em 2020, e o isolamento social necessário para controlar a transmissão do vírus, essas mudanças aceleraram e se concretizaram em nossas rotinas. Se a comunicação mudou, gêneros surgiram para dar conta da nova realidade.

Além de consumidores e espectadores, o avanço da *internet* possibilita a qualquer pessoa ser criadora de conteúdo, proporcionando a democratização do espaço digital, algo dificilmente imaginado por quem viveu nos anos pré-*internet*. Com isso, foi preciso à escola adaptar-se para absorver e inserir esses novos gêneros na prática pedagógica das salas de aula. Falar a mesma língua dos alunos é fundamental para que as crianças e adolescentes dominem os códigos de escrita e leitura e os códigos digitais, essenciais para ser um cidadão ativo atualmente.

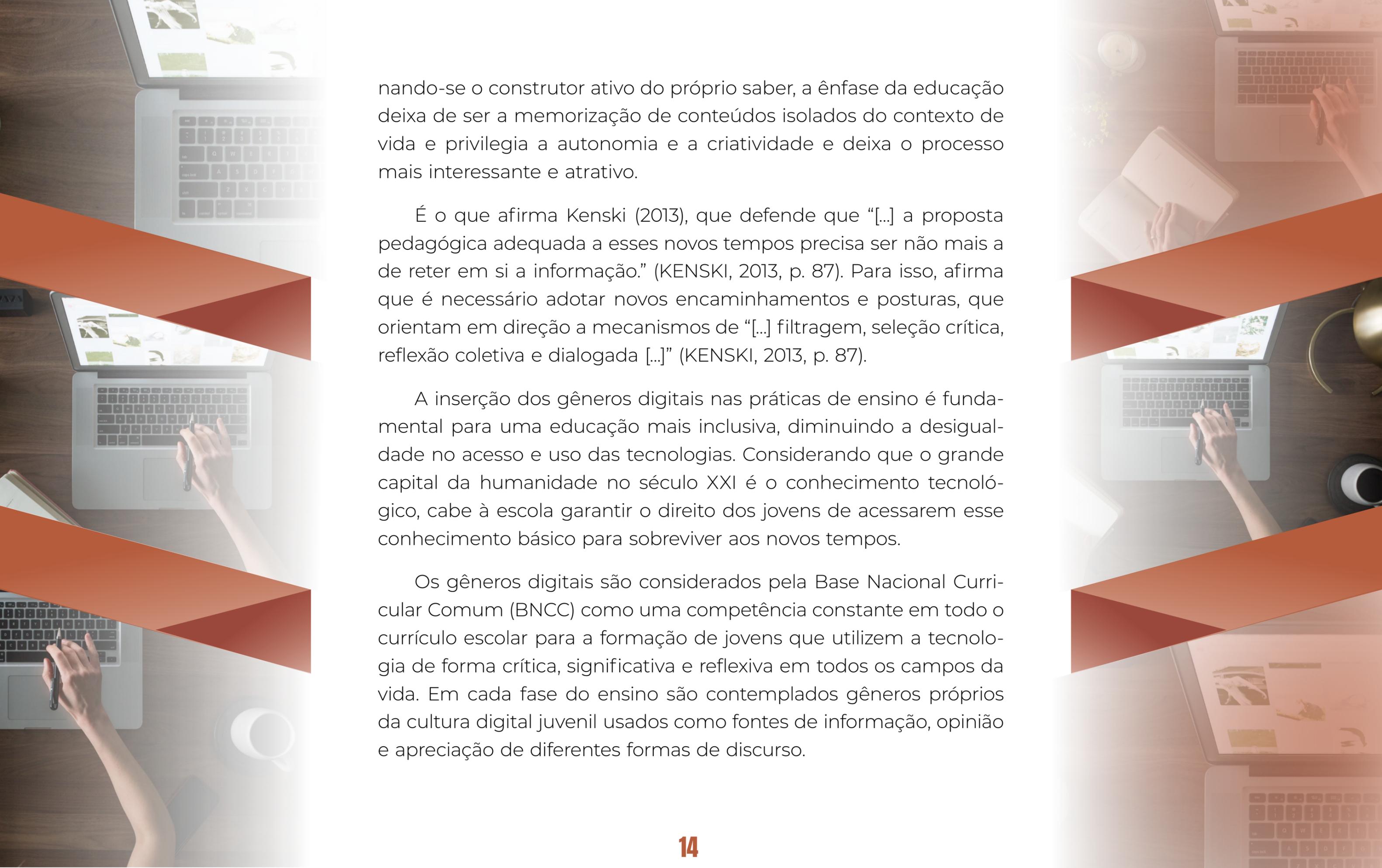
E é urgente pensar em letramento digital nas escolas. No Brasil, mesmo com a desigualdade de acesso às tecnologias, causada pelo gritante contraste econômico e social do país, dados da pesquisa *TIC Kids on-line Brasil 2018*, divulgados pelo Comitê Gestor da *inter-*



net no Brasil, apontam que mais de 86% das crianças e adolescentes entre nove e 17 anos têm acesso à rede de computadores. Essa média é maior do que a da população em geral, que gira em torno de 70%. Desses acessos, 93% são feitos via *smartphone*. De acordo com a pesquisa, vídeos, programas, filmes e séries são vistos por oito em cada dez crianças e adolescentes do país. 83% do total dos entrevistados utiliza os recursos multimídia da *internet*, 60% usa a *internet* para jogos e 82% para escutar música.

Embora a maioria dos alunos esteja conectada, a escola ainda é uma das instituições mais resistentes a entrar no mundo das tecnologias de informação e comunicação, apegada a uma estrutura rígida e métodos pedagógicos que se distanciam da realidade dos alunos, ao apostar em um ensino unilateral. No modelo tradicional de educação, o professor é o detentor e o responsável por passar o conhecimento para o aluno, muitas vezes desconsiderando as vivências e saberes.

Nesse âmbito, a utilização das tecnologias como parte do projeto pedagógico das escolas atende à “[...] necessidade de uma reconfiguração didática a partir da inserção das TIC’s no cenário escolar.” (GIL, 2016, p. 2). Ainda de acordo com Gil, a tecnologia promove a autonomia do aluno no processo ensino-aprendizagem, pois o professor deixa de ser o “[...] ‘entregador’ de informação, para ser o facilitador do processo de aprendizagem.” (VALENTE, 1999, p. 8 *apud* GIL, 2016, p. 4). O aluno abandonando a posição passiva e tor-

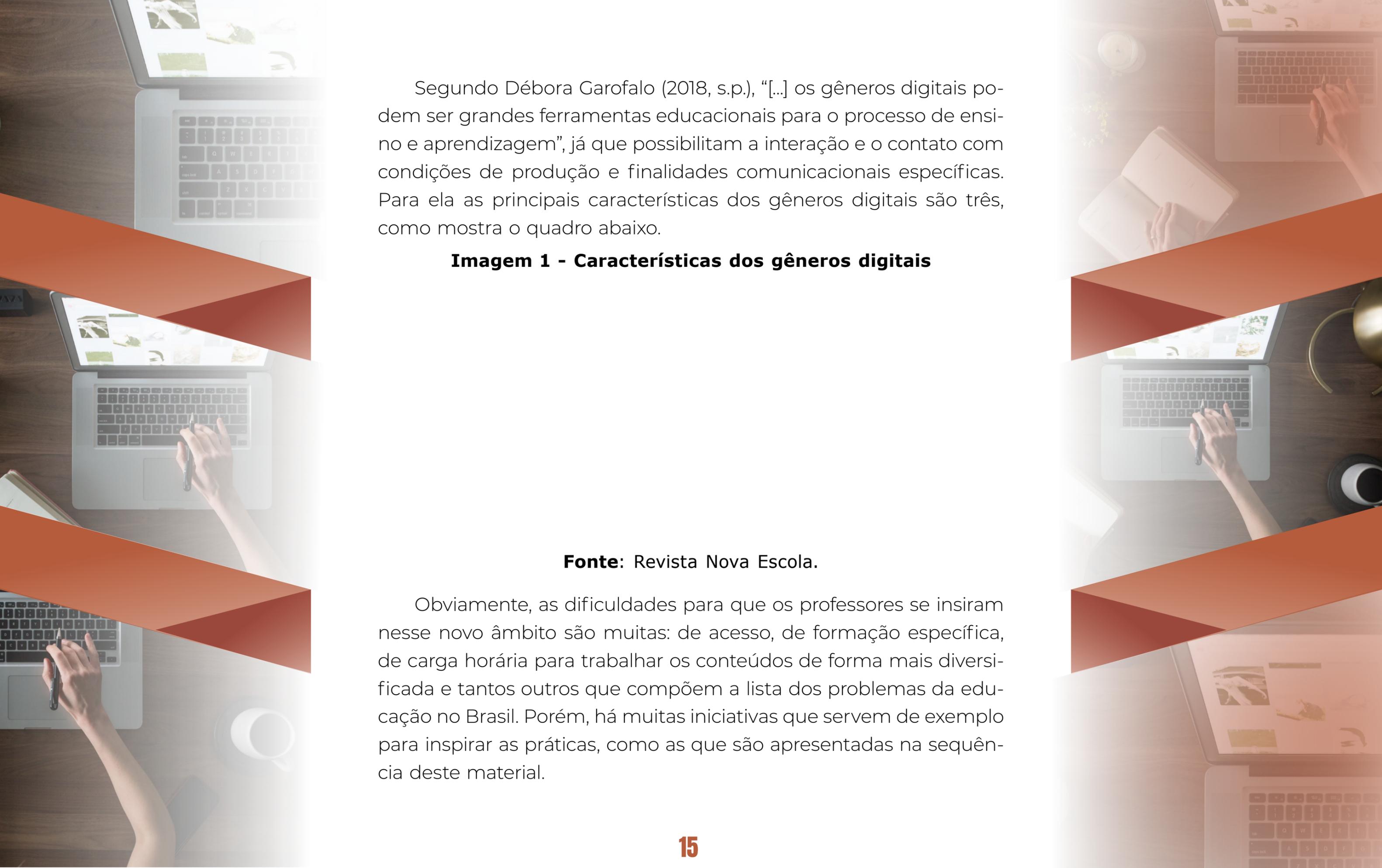


nando-se o construtor ativo do próprio saber, a ênfase da educação deixa de ser a memorização de conteúdos isolados do contexto de vida e privilegia a autonomia e a criatividade e deixa o processo mais interessante e atrativo.

É o que afirma Kenski (2013), que defende que “[...] a proposta pedagógica adequada a esses novos tempos precisa ser não mais a de reter em si a informação.” (KENSKI, 2013, p. 87). Para isso, afirma que é necessário adotar novos encaminhamentos e posturas, que orientam em direção a mecanismos de “[...] filtragem, seleção crítica, reflexão coletiva e dialogada [...]” (KENSKI, 2013, p. 87).

A inserção dos gêneros digitais nas práticas de ensino é fundamental para uma educação mais inclusiva, diminuindo a desigualdade no acesso e uso das tecnologias. Considerando que o grande capital da humanidade no século XXI é o conhecimento tecnológico, cabe à escola garantir o direito dos jovens de acessarem esse conhecimento básico para sobreviver aos novos tempos.

Os gêneros digitais são considerados pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) como uma competência constante em todo o currículo escolar para a formação de jovens que utilizem a tecnologia de forma crítica, significativa e reflexiva em todos os campos da vida. Em cada fase do ensino são contemplados gêneros próprios da cultura digital juvenil usados como fontes de informação, opinião e apreciação de diferentes formas de discurso.



Segundo Débora Garofalo (2018, s.p.), “[...] os gêneros digitais podem ser grandes ferramentas educacionais para o processo de ensino e aprendizagem”, já que possibilitam a interação e o contato com condições de produção e finalidades comunicacionais específicas. Para ela as principais características dos gêneros digitais são três, como mostra o quadro abaixo.

### **Imagem 1 - Características dos gêneros digitais**

**Fonte:** Revista Nova Escola.

Obviamente, as dificuldades para que os professores se insiram nesse novo âmbito são muitas: de acesso, de formação específica, de carga horária para trabalhar os conteúdos de forma mais diversificada e tantos outros que compõem a lista dos problemas da educação no Brasil. Porém, há muitas iniciativas que servem de exemplo para inspirar as práticas, como as que são apresentadas na sequência deste material.

## 4. PROFESSORES E ALUNOS FALANDO A MESMA LÍNGUA

Expostos os conceitos de gêneros textuais, gêneros digitais e a importância da inserção desse conteúdo na escola para garantir o direito de inserção das crianças e adolescentes no mundo contemporâneo, com o domínio do letramento digital, esta parte do *e-book* destina-se a apresentar algumas maneiras de trabalhar com os gêneros digitais em sala de aula.

As sugestões apresentadas abaixo têm o intuito de mostrar alternativas metodológicas práticas, para servir de inspiração para o seu trabalho em sala de aula.

Nativos da era digital, desde muito cedo as crianças têm acesso a celulares, tablets e computadores e a conteúdos criados especificamente para a *internet*. Aproveitar o conhecimento dos alunos para criar aulas dinâmicas e interessantes faz a escola um espaço mais atrativo. Abaixo, apresenta-se alguns gêneros digitais e propostas de trabalho a serem utilizadas na prática. As sugestões foram extraídas de reportagens e colunas da Revista Nova Escola.

## MEME

O termo foi criado em 1976 e se refere a uma ideia ou imagem que tenha uma rápida repercussão. Atualmente, os memes estão presentes em quase todas as redes sociais usadas pelos jovens e mudaram a maneira como a comunicação digital é feita. Geralmente, o meme é formado por um pequeno texto acompanhado de uma imagem ou *gif*.

**Na Escola:** Muito próximo da charge, os memes tratam de temas atuais, especialmente relacionados à política e comportamento. É um bom ponto de partida para explorar a ironia e a interpretação textual, já que para compreendê-lo é preciso estar informado sobre o contexto de produção.

**Exemplo:** Você sabia que existe um Museu de Memes? O *site* reúne os memes mais compartilhados no Brasil e serve de inspiração para aulas.

Museu de Memes



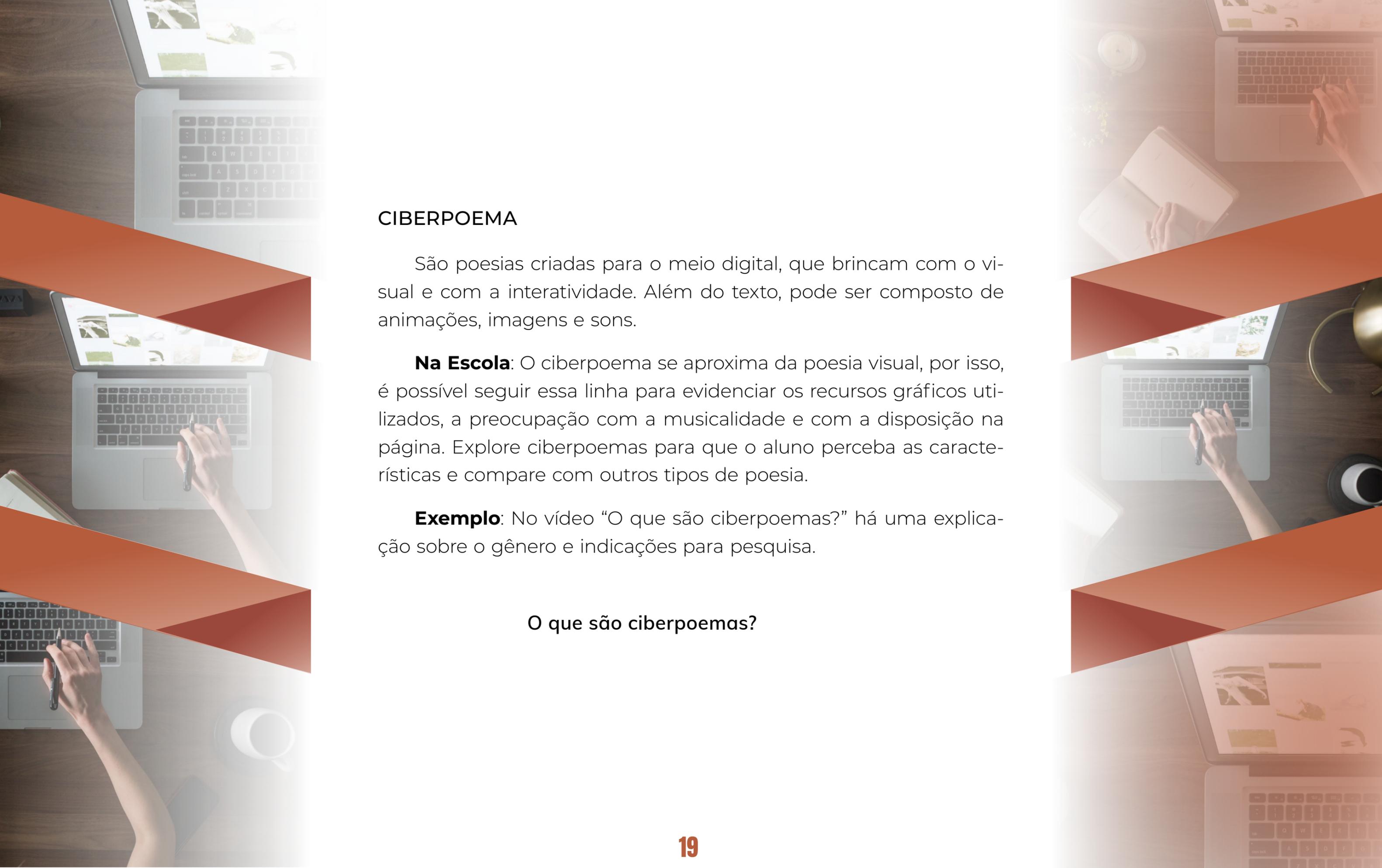
## INFOGRÁFICO

É um texto visual que une informações textuais, gráficos, imagens e ilustrações. Quando está no meio digital, pode ser interativo. O infográfico é muito comum nos discursos jornalístico e científico. Geralmente, traduz informações complexas para um formato visual.

**Na Escola:** O exercício de criação de um infográfico ajuda os alunos a aliar imagens e informações para explicar conteúdos mais complexos de forma lúdica e concisa. Já a leitura de infográficos ensina a interpretação de textos híbridos.

**Exemplo:** Como é a creche ideal?

Infográfico - Creche Ideal



## CIBERPOEMA

São poesias criadas para o meio digital, que brincam com o visual e com a interatividade. Além do texto, pode ser composto de animações, imagens e sons.

**Na Escola:** O ciberpoema se aproxima da poesia visual, por isso, é possível seguir essa linha para evidenciar os recursos gráficos utilizados, a preocupação com a musicalidade e com a disposição na página. Explore ciberpoemas para que o aluno perceba as características e compare com outros tipos de poesia.

**Exemplo:** No vídeo “O que são ciberpoemas?” há uma explicação sobre o gênero e indicações para pesquisa.

O que são ciberpoemas?



## PODCASTS

É um formato de áudio muito parecido com os programas de rádio, porém a principal diferença e vantagem é que o conteúdo é direcionado e se pode ouvir a qualquer momento, pois ficam armazenados em plataformas de áudio.

**Na Escola:** Você pode explorar esse gênero em diversas áreas do conhecimento, ao colocar o aluno no centro do processo aprendizagem para produzir um conteúdo ou agrupar os alunos para que criem seus *podcasts* em conjunto.

**Exemplo:** Produzido pela B9, o Caixa de histórias é um *podcast* de apreciação de livros. Em cada episódio, um trecho de uma obra é narrado e comentado, apresentando as obras aos ouvintes e incentivando a leitura.

Caixa de Histórias - B9 Podcasts

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste *e-book* foi apresentar o conceito de gêneros textuais e, mais especificamente, o de gêneros digitais. O ensino de Língua Portuguesa baseado nos gêneros textuais, recomendado pelos PCN e orientado na BNCC tem o intuito de dar melhores condições aos jovens de exercerem plenamente a cidadania, compreendendo os códigos que regem a sociedade. Os gêneros digitais, que surgiram e se consolidam nos últimos anos, são parte importante da realidade contemporânea. Não compreender e dominar esses gêneros exclui o cidadão de boa parte da experiência social deste tempo.

Cabe aos professores olharem com atenção para o ensino dos gêneros no ambiente escolar, pois seu papel, além de alfabetizar o aluno e fazê-lo compreender os códigos da escrita e da leitura, incentivá-lo a ler o mundo de forma crítica para que se posicione enquanto cidadão crítico, reflexivo e ativo na construção da realidade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 37-46.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 06 set. 2021.

BRASIL. *Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso: 06 set. 2021.

CRUZ, Elaine Patrícia. *Brasil tem 24,3 milhões de crianças e adolescentes que usam internet*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/brasil-tem-243-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-utilizando-internet>. Acesso em: 3 abr. 2020.

GAROFALO, Débora. *Como usar os gêneros digitais em sala de aula*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11857/como-usar-os-generos-digitais-em-sala-de-aula>. Acesso em: 17 ago. 2021.

GILL, Claudine Faleiro. Uma experiência de pesquisa sobre *podcast* no ensino de literatura. *Ciclo Revista*, [S. l.], v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/index.php/ciclo/article/view/262>. Acesso em: 6 set. 2021.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e tempo docente*. Campinas: Papyrus, 2013.

SALAS, Paula. *Vamos falar a mesma língua dos alunos?* Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12932/vamos-falar-a-mesma-lingua-dos-alunos#>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora (org.) *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003, p. 19-36.

SANTOS, Leonor Werneck dos. O ensino de língua portuguesa e os PCN. *In*: PAULIUKONIS & GAVAZZI (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 173-184

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ  
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Aparecida Machado Polon  
Coordenador Geral Curso**

**Prof. Me. Cléber Trindade Barbosa  
Coordenador Geral NEAD / Coordenador Administrativo do Curso**

**Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Marta Clediane Rodrigues Anciutti  
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica**

**Ernando Brito Gonçalves Júnior  
Apoio Pedagógico**

**Ruth Rieth Leonhardt  
Revisora**

**Murilo Holubovski  
Designer Gráfico**

**Burst/Pexels  
Foto**

Set/2021